

## Brasil

brasil@jb.com.br

**FRAUDE NO SENADO** Submissão pode levar pessoas comuns a cometer crimes

Marcia Gouthier



# O ato de obediência da doutora Regina Borges

ANDREA KAUFFMANN-ZEH  
no.com.br

Você não precisa viajar muito longe para viver experiências estranhas, exóticas ou imorais. Elas estão dentro de nós, nas telas de TV, ou nas manchetes de jornais, todos os dias. Atualmente, acompanhamos o episódio deprimente da quebra do sigilo na votação do Senado pela cassação do mandato de Luiz Estevão. Aparentemente a funcionária do Prodasen, doutora Regina Borges, quebrou o sigilo do voto ao obedecer ao comando (ou pedido, ou consulta, depende do ponto de vista ou do interesse empregado) dos senadores José Roberto Arruda e Antonio Carlos Magalhães. Que tipo de gente são Antonio Carlos Magalhães e José Roberto Arruda? Gente que detém poder, autoridade e acostumada com a obediência de seus súditos.

Obediência é um elemento básico na estrutura da vida em sociedade: só aquelas pessoas vivendo em completo isolamento (ou ainda aquelas que se crêem dotadas de superpoderes, como certos senadores) não são for-

insensível do que afofar as almofadas Mao e convidar *Caras* a revelar sua "linda casa"? Repudiar convenções como essa faz toda a diferença entre dignidade e mediocridade.

A obediência foi motivo de investigação científica de um dos maiores sociopsicólogos de todos os tempos: Stanley Milgran. Milgran realizou experimentos clássicos sobre o conflito entre a obediência à autoridade e a consciência pessoal. No experimento básico, os objetos de estudo eram indivíduos designados "professores" que eram instruídos a administrar choques elétricos de intensidade crescente (de 15 a 450 volts) num outro indivíduo, designado "estudante" (este era amarrado a uma cadeira com eletrodos numa sala adjacente), cada vez que ele errava uma resposta. Milgran havia explicado aos "professores" recrutados que estudava os efeitos da punição na memória e aprendizado. O "professor" não sabia que o "estudante" da pesquisa era de fato um ator que convincentemente interpretava desconforto e dor a cada aumento da potência dos choques elétricos administrados.

O resultado desses experimentos foi mais chocante do que qualquer voltagem aplicada: 65% das pessoas envolvidas – "professores" – chegaram a administrar, sob ordens do cientista (a autoridade nesse caso), os choques mais potentes, dolorosos e claramente identificados como perigosos (450 volts) ao "estudante", e todos administraram pelo menos 300 volts! Frequentemente muitos "professores" se preocupavam com o bem-estar do "estudante" e até perguntavam ao cientista quem se responsabilizaria caso houvesse algum dano. Entretanto, mesmo ouvindo urros de dor e súplicas para o encerramento dos choques, ainda assim os "professores" continuavam a administrar choques quando o cientista os urgia a continuar o experimento.

Esse experimento, hoje considerado antiético porque os indivíduos não foram informados do objetivo real da pesquisa, serviu no entanto para revelar que não eram somente aqueles elementos sádicos da sociedade que eram capazes de submeter um semelhante a atos de crueldade. Os "professores" de Milgran eram pessoas comuns: operários, estu-

dantes, secretárias, empresários, lojistas, professores, profissionais da saúde. Ou seja, você e eu, a doutora Borges, pessoas comuns, somos intrinsecamente capazes de nos engajar em um processo destrutivo ou imoral quando orientados por uma autoridade.

Milgran investigou muitas variações desse experimento básico, desde a presença física da autoridade, colocando em uma mesma sala professor e estudante, ou mesmo o local e a cultura dos objetos de estudo. Seus resultados foram repetidos em muitos países, como Austrália, África do Sul, Noruega e França.

As consequências da obediência, como um determinante de comportamento, não são só aquelas providas pelas ações da doutora Borges, mas também ações que levaram ao extermínio de milhões de pessoas durante as duas guerras mundiais, o holocausto de judeus pelas forças nazistas, ou mesmo as milícias de tortura tão comuns nas ditaduras latino-americanas, inclusive a brasileira. Essas políticas desumanas podem ter sido idealizadas por alguns poucos indivíduos, mas sua implantação só foi pos-

**"Submissão ou não é dilema antigo como a história de Abraão"**

çadas a responder, desafiantes ou submissas, ao comando de outros.

Submissão ou não à autoridade é um dilema tão antigo quanto a história de Abraão. Mas a obediência pode levar muitos a passar por cima das noções de ética e conduta moral. Yes, folks, desobedecer é saudável. As aplicações são múltiplas: dizer não à corrupção, não à exploração do trabalho, não ao mau uso dos recursos naturais, não à ganância, ao dinheiro fácil, à globalização. Aqueles que pregam que a desobediência ameaça a estrutura da sociedade também se esquecem de salientar a importância da consciência individual. Num país como o nosso, quer coisa mais brega e

**"Desobedecer é saudável: dizer não à corrupção, à exploração do trabalho..."**

sível porque um grande número de indivíduos (ou, no caso do Senado, os indivíduos competentes) obedeceu a tais ordens.

Do holocausto ao caso do Senado, a obediência talvez explique por que pessoas comuns são capazes de cometer crimes hediondos ou imorais quando sob a influência de uma autoridade malevolente. É irônico que virtudes como lealdade, disciplina e sacrifício próprio, que tanto valorizamos, sejam as mesmas propriedades que criam máquinas destrutivas de guerra e corrupção e ligam homens e mulheres a sistemas perversos.

Andrea Kauffmann-Zeh é bióloga e editora-sênior da Nature